

A SEMANA ROGER BASTIDE.

CHARLES BEYLIER

da École des Hautes Études en Sciences Sociales.
Groupe de Sociologie des Religions. Paris. França.

Entre os professores que vieram com a Missão Francesa nos anos 1935, ensinar na Faculdade de São Paulo, recém-fundada, o Professor Roger Bastide, sociólogo, teve um papel de destaque: deixou no Brasil uma obra considerável em vários campos das Ciências Humanas, além dos escritos publicados na França durante esse mesmo período de 1938 a 1954. Tal fecundidade parece obedecer a essa lei da natureza que André Gide observou no crescimento das plantas: as sementes arrancadas às árvores pelo vento, crescem mais quando caem longe do tronco. . . . Aliás, o próprio Roger Bastide aceita esta constatação de Gide, quando diz: “Uma educação ‘natural’, consiste em arrancar o indivíduo de sua família, de sua província, para jogá-lo no vasto mundo” (1). Levado longe de sua terra natal pelo desejo expresso em *Les Éléments de Sociologie Religieuse* (2) de conhecer as culturas de outras plagas, Bastide também deixou os horizontes culturais familiares de uma terra amada. E no Brasil rapidamente descobriu que sua mentalidade etnocêntrica, “alicerçada em três séculos de cartesianismo” (3), impedia a compreensão profunda da realidade nova onde entrava. Em vez de se agarrar às beiradas de terras culturais conhecidas, escolheu cair “no abismo da alteridade” (4). “Na minha caminhada”, escreve ele, no seu itinerário espiritual,

(1). — BASTIDE (Roger), *Anatomie d'André Gide*. PUF. Paris, 1972 p. 33.

(2). — BASTIDE (Roger), *Elements de Sociologie religieuse*. A. Colin. Paris, 1936, 204 p.

(3). — BASTIDE (Roger), *Estudos afro-brasileiros*. Editora Perspectiva, São Paulo, Brasil. 1973, p. X.

(4). — BASTIDE (Roger), “La pensée obscure et confuse”. *Le Monde non-chrétien*. Paris. Nº 75-76. Juillet-Décembre 1965, pp. 137-156.

“no progresso do meu pensamento, houve uma crise de consciência, seguida por um encantamento que nunca se extinguiu” (5).

A própria exigência científica levou o sociólogo que estudava as religiões africanas a “converter-se” (6) para descobrir outros valores culturais nos quais se desenvolve o pensamento africano. “Compenetrei-me portanto que deveria, no momento de entrar no templo, deixar-me penetrar por uma cultura diversa da minha” (7). Ao passar pelo ritual da iniciação nos candomblés, ele “mudou inteiramente as suas categorias lógicas, descobriu por dentro a *lógica africana*” (8), a síntese harmoniosa do pensamento africano, que explicava o tipo específico de sincretismo encontrados nos cultos afro-brasileiros. A mesma exigência científica conduziu também o pesquisador protestante às igrejas de Minas, de Pernambuco e da Bahia, para estudar a arte. Em longas horas de meditação, deixou-se penetrar pelo ritmo do barroco no qual se cristalizou tanto a mística das “casas grandes” quanto a mística africana no ritmo do tam-tam (9). A leitura dos poetas brasileiros permitiu a Roger Bastide descobrir “os tesouros escondidos, as flores noturnas” (10), que o poeta traz das profundezas do subconsciente. Sonhou os mesmos sonhos dos arcades de Minas, percorreu os salões do fim do império com Machado de Assis, acompanhou Castro Alves “lutando apaixonadamente pela mais querida amante, a Liberdade” (11). Desta caminhada saíram vários livros que “valem alguma coisa na medida em que são um canto de amor à terra e aos homens deste País” (12). Assim, nas numerosas viagens, nas longas horas de leitura na solidão do seu gabinete, criou-se entre

(5). — BASTIDE (Roger), *Estudos afro-brasileiros*, op. cit., p. X.

(6). — BASTIDE (Roger), Idem p. XI “Pediria que não houvesse equívocos quanto ao sentido de “converter”: não se trata de aceitar a existência de um pensamento pré-lógico e de negar a unidade e a identidade das estruturas mentais. Certamente todos os homens são idênticos, porém o pensamento puro não existe, pois no seu funcionamento ele sempre se colore segundo as exigências das diferentes culturas no interior das quais se desenvolve”.

(7). — BASTIDE (Roger), *Estudos afro-brasileiros*, op. cit., pp. X-XI.

(8). — BASTIDE (Roger), Carta inédita à Mr. Henri Gouhier, Professeur au Collège de France à respeito da tese complementar “Le Candomble de Bahia, (rite nagô)”: “Cette thèse qui part de la description d’une secte religieuse africaine n’est pas une thèse d’ethnographie, mais elle voudrait — reprenant le débat ou Levi Brulh l’a laissé — tenter d’analyser quelques aspects de la “logique” africaine à travers une interprétation du “sacré”.

(9). — BASTIDE (Roger), *Imagens do Nordeste místico em branco e preto*. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1945. Cap. Uma civilização do ritmo.

(10). — BASTIDE (Roger), *Estudos afro-brasileiros*, op. cit., p. 4.

(11). — BASTIDE (Roger), Discurso proferido na sessão solene do Conselho Universitário. “O Estado de São Paulo”. 8-11-51.

(12). — DUARTE (Paulo), “Foi exatamente esse amor não apenas à terra mas ao homem, terra e homem pouco conhecidos, com freqüência amesquinçados, que fez você, Roger Bastide, o companheiro e o irmão de todos nós, irmão e companheiro de todas as causas e de todas as oportunidades”. “O Estado de São Paulo”. 8-11-51.

o pesquisador e o objeto dos seus estudos uma verdadeira intimidade. Depois da crise de consciência chegou o tempo do encantamento. A amizade e a simpatia se conjugaram harmoniosamente com as exigências da objetividade científica. Nessas pesquisas “depositava-se assim, no fundo do meu ser, um rico sedimento de pedras preciosas, com o fulgor de pepitas de ouro, o tradicional Brasil dos bandeirantes ou das casas-grandes, a fim de que sobre esta terra espiritual se pudesse celebrar, no calor de uma festa íntima, os esponsais místicos de um francês com o Brasil” (13).

Estas palavras foram pronunciadas no dia 8 de novembro de 1951, quando Roger Bastide recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de São Paulo. Naquele dia o Professor Dr. Fernando de Azevedo lhe levou as homenagens da Universidade, em cerimônia presidida pelo Professor Antônio Carlos Cardoso, Vice-Reitor da Universidade de São Paulo, que reunia o Professor Eurípedes Simões de Paula, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Dr. Júlio Mesquita Filho, o Dr. Antônio Meira Neto, Presidente do Tribunal do Juri, os representantes do Governo, da Prefeitura e de diversos órgãos oficiais. Também saudaram o homenageado, além do Professor Fernando de Azevedo, Sérgio Milliet e Paulo Duarte (14).

*
*
*

Vinte cinco anos se passaram . . . A Semana Roger Bastide não se revestiu da mesma solenidade acadêmica de 1951. O objetivo era outro. José Aderaldo Castelo e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que tiveram a iniciativa deste encontro, conheceram o eminente Sociólogo nos anos 1940, quando era ainda prof. da Universidade de São Paulo. O objetivo, ao organizarem esta semana, era triplo: primeiro prestar homenagem a um professor que fora “um dos mais agudos intérpretes da alma brasileira” (15) e que contribuira para formar gerações de cientistas. Em segundo lugar, destacar os aspectos da obra de Roger Bastide que resistiram à erosão do tempo, e constituíram uma contribuição marcante no desenvolvimento dos estudos sociológicos brasileiros. Enfim, descobrir as perspectivas que, na sua obra, abrem caminhos novos nos diversos campos da Sociologia de hoje. Apesar da ausência de alguns colaboradores por motivo superior, os objetivos foram amplamente alcançados, num ambiente de grande simplicidade fraterna, que se harmonizava perfeitamente com a personalidade do Professor da Sorbonne, que escondia as riquezas da sua inteligência e do seu coração por detrás de uma grande modestia. A aborda-

(13). — BASTIDE (Roger), “O Estado de São Paulo”. 8-11-51.

(14). — Cf. “O Estado de São Paulo”. 13-11-51 e 8-11-51.

(15). — “Homenagem que se tornou um símbolo”. “O Estado de São Paulo”, 9-11-51.

gem da obra de Roger Bastide se fez a partir de três focos diferentes ou seja, três linhas de reflexão, que se interpenetram e colocaram em relevo as facetas múltiplas dos seus estudos e a sua profunda coerência. A comunidade negra de São Paulo, através de seus mais importantes representantes, José Correia Leite (16), Jaime de Aguiar, Raul Joviano de Amaral e Eduardo de Oliveira e Oliveira, revelou alguns aspectos da alma africana que Bastide estudara e que deixara em seu pensamento uma profunda marca. Não podemos deixar de citar aqui um texto que redigira em 1972, num prefácio à reedição dos "Estudos afro-brasileiros", no qual, através das Mães de Santos, é toda a comunidade negra do Brasil que tem em vista. Mais do que qualquer outro texto, estas linhas revelam a autenticidade da sua aculturação e a humilde grandeza do seu autor:

"Até minha morte serei reconhecido a todas as Mães de Santos que me trataram como um filho branco, as Joanas de Ogum e as Joanas de Iemanjá, que compreenderam minha ânsia por novos alimentos culturais e, com aquele seu característico dom superior de intuição, pressentiram que meu pensamento cartesiano não suportaria as novas substâncias como verdadeiros alimentos (isto é, não poderiam ser por mim absorvidos como acontece naquelas relações puramente científicas que permanecem na superfície das coisas, não se metamorfoseando em experiências vitais, as únicas fontes de compreensão), sem que antes fossem explicados para se tornarem assimiláveis, como o fazia a mãe-negra que enrolava em suas mãos fatigadas, a comida destinada aos seus nenês, fazendo bolinhas, depois colocadas afetuosamente em suas boquinhas. Para mim, meu conhecimento da África conserva todo o sabor dessa ternura maternal, aquele odor das mãos negras carinhosas, aquela paciência infinita na oferta de suas *sabedorias*. Ter-me-ei conservado digno delas?" (17).

Campo de predileção dos seus estudos, o problema do negro inspirou os livros mais importantes de Roger Bastide: *As religiões africanas no Brasil*, *O Candomblé da Bahia*, *Poetas afro-brasileiros*, *Imagens do Nordeste místico em branco e preto* (18) e muitos artigos.

(16). — José Correia Leite, jornalista, fundador de "O Clarim da Alvorada". Jaime de Aguiar, jornalista, fundador de "O Clarim da Alvorada". Raul Joviano do Amaral, presidente do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo. Eduardo de Oliveira e Oliveira, sociólogo.

(17). — BASTIDE (Roger), *Estudos afro-brasileiros*, *op. cit.*, p. XI.

(18). — BASTIDE (Roger), *As religiões africanas no Brasil*, 2 vol. Pioneira, São Paulo, 1971; *O Candomblé de Bahia* (rito nagô). Companhia Editora Nacional. Coleção Brasileira. São Paulo, 1961, 370 p.; *Imagens do Nordeste Místico, em branco e preto*, *op. cit.*; *Poetas do Brasil*. Coleção "Caderno azul". Editora Guaira, 1945, 150 p.

Por isso, era fundamental que a comunidade negra abrisse os trabalhos desta Semana. A presença do Sociólogo Eduardo de Oliveira e de um grupo de jovens estudantes negros revelou, através de um debate animado o impacto ainda atual da pesquisa realizada juntamente com Florestan Fernandes e denominada *Branços e Negros em São Paulo* (19). Relativamente às pesquisas inter-étnicas, Thales de Azevedo e Oracy Nogueira analisaram os aspectos mais específicos dos estudos de Bastide sobre os negros e o Candomblé.

A segunda linha de reflexão destacou o aspecto pluri-disciplinar da obra de Roger Bastide. A realidade social, para ser estudada na sua totalidade e complexidade, requer a colaboração de todas as Ciências humanas. Mais do que ninguém, procurou ele explicar esses “domínios-limites, essas fronteiras móveis entre as Ciências” (20), sociologia de um lado, psicanálise, psiquiatria, literatura, arte, do outro. Vários especialistas apresentaram neste dia comunicações. O aspecto mais voltado para a sócio-psicopatologia, que Roger Bastide estudou em seu livro *Sociologia e psicanálise* (21) coube à Dra. Virgínia Bicudo, psicanalista. O professor Antônio Cândido de Melo e Souza e a Professora Gilda R. de Melo e Souza analisaram a contribuição do sociólogo sobre a literatura e a arte, enquanto o Professor Duglas Teixeira Monteiro estudou a contribuição do autor das *Religiões africanas no Brasil* às pesquisas sobre as religiões que estão se desenvolvendo atualmente. Não é possível resumir este conjunto sem traçar a multiplicidade de aspectos abordados, tanto sobre as relações entre as estruturas sociais e os valores religiosos, como sobre as zonas-limites de várias ciências.

A terceira linha de reflexão disse respeito à obra francesa do Mestre. De volta à sua terra em 1954, Roger Bastide ali trabalhou ainda durante vinte anos. Se o primeiro “transplante” da França para o Brasil deu a floração de estudos que citamos, o segundo, do Brasil para a França, não deixou de dar uma outra colheita. O professor que chegou em Paris para ensinar na Sorbonne e na *École des Hautes Etudes*, não era mais o sociólogo preso às categorias cartesianas que deixara a França em 1938. As mães de santos dos candomblés, a amizade de Mário de Andrade, de Sérgio Milliet, de Paulo Duarte, de Fernando de Azevedo, de Lourival Gomes Machado e de muitos

(19). — BASTIDE (Roger) e Florestan Fernandes, *Branços e negros em São Paulo*. Anhembi, São Paulo, 1955; 2ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo 1959, 372 p. Prefácio de Florestan Fernandes. 3ª ed. id. 1971.

(20). — AZEVEDO (Fernando de), Discurso do 8-11-51, “O Estado de São Paulo”, 13-11-51.

(21). — BASTIDE (Roger), *Sociologia e Psicanálise*. Instituto Progresso Editorial, São Paulo 1948, 1ª ed. 279 p.; 2ª ed. Melhoramentos. São Paulo, 1974.

outros, a colaboração com os seus próprios alunos que se tornaram seus melhores colaboradores, Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz — o contacto com a sociologia norte-americana, e antes de tudo a própria realidade brasileira, tinham forjado no decorrer dos anos um homem novo. Coube ao Professor Henri Desroche, da *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, de Paris, mostrar os frutos do enxerto brasileiro. Amigo íntimo de Roger Bastide durante os seus dez últimos anos de vida, Henri Desroche fundou *Les Archives des Sciences Sociales des Religions*, e publicou vários livros sobre messianismos, milenarismos e utopias (22). Mais voltado para o estudo das criações da imaginação coletiva, Henri Desroche encontrou em Roger Bastide o sociólogo da memória. Iniciou-se entre “o homem da memória” e “o homem da imaginação” (23) um diálogo fecundo; pois se a utopia é o motor das grandes transformações, “os obstáculos encontrados revelam quanto os homens ficam submetidos às leis da memória” (24). Em três conferências brilhantes, Henri Desroche analisou as obras francesas mais importantes do Professor da Sorbonne: *Sociologia das doenças mentais*, *As Américas negras*, *Le prochain et le lointain*, *Anthropologie appliquée*, *Le rêve, la transe et la folie*, *Le sacré sauvage* (25).

Não se trata, nos limites deste artigo, de trazer o conteúdo das análises profundas que foram feitas da obra brasileira e francesa de Roger Bastide. A íntegra das comunicações e debates serão publicados ulteriormente pelo Instituto de Estudos Brasileiros, dirigido pelo Professor José Aderaldo Castelo. Queremos apenas salientar dois aspectos metodológicos e dois aspectos temáticos que nos parecem fundamentais. A obra de Roger Bastide não se apresenta como síntese, de que sempre desconfiou, e sim como uma obra inacabada, um apelo para futuros estudiosos. Em vez de convidar a passear num jardim *à la française* que satisfaz o espírito pela clareza e pela geometria, suas linhas perspectivas e de suas linhas harmoniosas, prefere nos levar às profundezas frementes de vida da mata-virgem, a fim de

(22). — DESROCHE (Henri), *Dieux d'hommes, Dictionnaire des messianismes et millénarismes de l'ère chrétienne*, 1969, ed. Mouton, La Haye; *Sociologie de l'espérance*, Calmann Levy, Col. “Archives de Sciences Sociales”, 1973; *Dieux rêvés, théisme et athéisme en utopie*, 1972, Desclée col. L'athéisme interroge; e muitos outros.

(23). — BASTIDE (Roger), “Trois livres et un dialogue”. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, Nº 36, 1973, pp. 125-131.

(24). — BASTIDE (Roger), *Anthropologie appliquée*. Payot, Paris, 1971, 248 p.

(25). — BASTIDE (Roger), *Sociologia das doenças mentais*. Editora Nacional. São Paulo, 1967, 299 p.; *As Américas negras*. Difel, São Paulo 1974; *Le prochain et le lointain*, Cujas, Paris, 1970, 303 p.; *Anthropologie appliquée*, op. cit.; *Le rêve, la transe et la folie*, Flammarion, Paris, 1972, 264 p.; *Le Sacré Sauvage*, et autres essais, Payot, Paris, 1975, 239 p.

descobrir a selvagem beleza de plantas seculares escondidas na sombra de florestas luxuriantes. Pois, ao estudar a realidade social, descobre a complexidade de um ser vivo em perpétua transformação, mais do que uma estrutura imóvel. Mais influenciado pela filosofia de Bergson do que pelas idéias claras de Descartes ou as categorias de Kant, Bastide se situa mais na linha sociológica de seus contemporâneos, Gurvitch, Leenhardt, e de sociólogos mais novos como Balandier ou Duvignaud, do que na linha da Escola Francesa de Durkheim ou do estruturalismo de Levi-Strauss. A realidade coletiva que observa é uma realidade em “revolução permanente” (26). Suas estruturas não revestem as formas imóveis de estruturas mineralógicas, mas sim a complexidade de organizações vegetais semelhantes às lianas vivas. Por isso, prefere *la pensée obscure et confuse* (27) às idéias claras que classificam artificialmente a realidade. Assim, a própria análise da realidade o levará a privilegiar as diferenças, as oposições, as resistências, os antagonismos, as ambivalências, a antítese mais do que a tese, enfim uma dialética da “oposições dos contrários” (28). Dialética mais diversificada do que a de Marx. As contradições não se dissolvem sempre numa síntese superior, mas podem se harmonisar numa unidade semelhante a um movimento de vai-vem permanente. As obras de Roger Bastide, *As religiões africanas no Brasil* e *As Américas negras*, oferecem perfeito exemplo de uma metodologia dialética que analisa a realidade coletiva como um conjunto criador capaz de suscitar ou “secretar novas estruturas sociais” (29).

Convencido de que “é considerando as coisas na sua gênese que se consegue a melhor compreensão” (30), Roger Bastide deu uma atenção especial à dimensão histórica da realidade social. Não se pode reduzir a história das sociedades aos vestígios fossilizados e mortos que permaneceram no decorrer dos tempos. O passado vive no presente. Como dizia Augusto Conte: “A humanidade é povoada mais de mortos do que de vivos” (30). Homem da memória, Roger Bastide procurou ler o presente à luz do passado (31). Nas mudanças sociais, os fenômenos de resistência, de revolta, de contra-aculturação originam-se numa psique coletiva, fruto da imaginação e da memória coletivas. Sem desprezar as formas de aculturação ou contra-aculturação nascidas da imaginação coletiva (profetismo, messianismos, mi-

(26). — DUVIGNAUD (Jean), “Roger Bastide”, *Revista de Ciências Sociais*, vol. 15, Nº I, Fortaleza, 1974, pp. 5-10.

(27). — BASTIDE (Roger), “La pensée obscure et confuse”, *op. cit.*

(28). — BASTIDE (Roger), *Anatomie d'André Gide. op. cit.*, p. 18.

(29). — BASTIDE (Roger), *Les Religions africaines au Brésil, op. cit.*, pp. 79-221-223.

(30). — ARISTOTE — I Pol. 2, 1252 a citado in *Le prochain et le lointain*.

(31). — COMTE (Auguste), Citado in *Anthropologie appliquée* p. 183.

lenarismo), que estudou em várias contribuições, foi mais sensível aos aspectos de continuidade. “O homem, escreve ele, se afeiçoa ao passado e não pode escapar da coerção que este exerce sobre ele... O espírito lhe traz não somente os costumes adquiridos mas também todos os mortos que ficaram atrás e que continuam a mandar, a orientar para certas vias e não para outras” (32). Prolongando os estudos de Hallbwachs (33), procurou mostrar como a memória coletiva não é simples sobrevivência de tradições ou repetições de gestos e de costumes, mas a manifestação de um “subconsciente social” capaz de estruturar e orientar a cultura num sentido determinado. Este pensamento trouxe uma luz nova dos estudos sobre o sincretismo nas religiões afro-brasileira, como também ao problema da integração do negro, na sociedade branca. No plano da literatura, a interpretação que Bastide fez da obra de Cruz e Souza (34) aparece como um exemplo, o que é uma contribuição decisiva. No entanto, na sua procura para descobrir “a constância do permanente sob a inconstância do manifesto” (35), Bastide sempre salientou que nas Ciências Sociais não existem determinados mecanismos como nas ciências naturais. Como escreveu num prefácio a um livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz: “Nas Ciências Sociais entre a causa e o efeito, integra-se sempre um intermediário, o homem, que sem dúvida sofre estas causas mas orienta os seus efeitos na direção que sua praxis ou suas necessidades lhes ditam” (36). Assim a dimensão diacrônica dos fatos sociais constituiu um aspecto essencial da sociologia de Roger Bastide, tanto quanto a dimensão sincrônica.

Os dois aspectos metodológicos que salientamos permitiram ao sociólogo encarar a cultura não como uma tradição cristalizada, mas como uma “alma produtora... a expressão de uma certa filosofia”. A cultura para Roger Bastide é mais “fogo e espírito do que esqueleto ou lava que já resfriou” (37). Esta noção dinâmica da cultura orientou os temas centrais da sua obra científica: o problema da aculturação, das interpenetrações, das relações entre desenvolvimento e cultura, etc. Todos estes aspectos foram abordados durante a Semana, salientando assim o papel que a etnologia, a antropologia e a So-

(32). — BASTIDE (Roger), *Anthropologie appliquée*, op. cit., p. 181-182.

(33). — HALBWACHS (Maurice), *Les cadres sociaux de la mémoire*; *Le mémoire collective*; Cf. Bastide (Roger), *Les religions africaines au Brésil*, op. cit., p. 335-361; *Anthropologie appliquée*, p. 181-2; “Mémoire collective et Sociologie du bricolage”, *Année Sociologique*, vol. 21, 1970, pp. 65-108.

(34). — BASTIDE (Roger), *Estudos afro-brasileiros*, op. cit., pp. 61-92; cf. p. XIV.

(35). — BASTIDE (Roger), *Anatomie d'André Gide*, op. cit., p. 14.

(36). — MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ, *Réforme et révolution dans les sociétés traditionnelles*, Paris, Anthropos, 1958, Prefácio de Roger Bastide pp. XIII-XIV.

(37). — BASTIDE (Roger), *Anthropologie appliquée*, op. cit., p. 133.

ciologia tem na construção de “um novo humanismo” (38) que não seja dominação de uma cultura sobre a outra mas fecundação mútua. Numa época em que as preocupações das nações industrializadas estão voltadas para os povos chamados sub-desenvolvidos, as perspectivas abertas pelos estudos de Roger Bastide revestem uma particular atualidade. Para alcançar tal objetivo, as Ciências Sociais tem que procurar novas orientações que decorrem de vários artigos e principalmente de seu livro: *Anthropologie appliquée*.

Roger Bastide proferiu sua última conferência no “Encôntro International de Genebra”, em setembro de 1973 (39). Sua comunicação *Le Sacré Sauvage* constituiu a última etapa de um percurso que se iniciou no seu primeiro livro *Problemas da vida mística* (1a. ed. 1931). Atraído por estes mundos desconhecidos que ficam nas fronteiras entre o real e o imaginário, o patológico e o normal, o sociólogo procurou explorar os domínios do irracional, que escapam à análise lógica, mas não deixam de ter uma influência decisiva sobre as sociedades e por isso são o melhor objeto de estudo para a sociologia. Estes aspectos da obra de Roger Bastide já suscitaram vários ensaios cujo os títulos são significativos: *Antropologia dos abismos* (40), *Sociologia dos confins* (41), *Espeleologia da alma* (42). Os estudos de Freud convenceram Bastide de que o sonho é um fenômeno psíquico e não apenas somático; mas além do psiquismo individual estudado por Freud, existe um psiquismo coletivo, tão importante quanto o primeiro. “Não devemos nos esquecer da potência criativa das correntes profundas criadas pela psique coletiva” (43). Seu objetivo está desde então traçado: “Freud repressoalisou o sonho, é preciso agora re-socialisá-lo” (44). A sociologia até agora estudou o homem acordado, é preciso estudar esta outra metade, o homem adormecido, o homem nos seus sonhos. O campo é vasto. Trata-se de descobrir não somente a marca da sociedade nos sonhos do homem adormecido, como também a marca da sociedade nos sonhos do indi-

(38). — BASTIDE (Roger), “L’Etnologie et le nouvel humanisme”, *Revue philosophique de la France et de l’étranger*, N° 4, Oct.-Déc. 1964, pp. 435-51.

(39). — BASTIDE (Roger), “Le Sacré Sauvage”, in *Le Besoin religieux*, Ed. de la Bacconière, Neuchâtel, Suisse. 1974 pp. 123-171.

(40). — MORIN (Françoise), “Anthropologie des gouffres”, *Archives des Sciences Sociales des Religions*, N° 40, 1975.

(41). — LALIVE D’EPINAY (Christian), “Roger Bastide et la Sociologie des confins” *Année Sociologique*, Vol. 25, 1974.

(42). — DESROCHE (Henri), *La spéléologie de l’âme*, em preparação.

(43). — BASTIDE (Roger), *Religions africaines au Brésil*, op. cit., p. 26.

(44). — DESROCHE (Henri), “Au fil du désir”. *Le Supplément*. Ed. Cerf N° 106, Sept. 1973, pp. 235-260. Cf. Segunda Conferência da “Semana Roger Bastide”.

víduo acordado (utopias), e das coletividades acordadas (mitos). Freud reconhecia que a “realidade psíquica tem um papel dominante” em certos setores do “fenômeno humano” e falava no “reino “psíquico da fantasia”. Durkheim, por sua vez falava dessas regiões do reino social, em que a idéia constroi mais do que alhures a realidade”, e utilizava a expressão de “ideações coletivas”, reconhecendo que “toda a sua sociologia deve ser ainda descrita”. No itinerário de Roger Bastide para explorar este campo novo da sociologia, o encontro com os cultos afro-brasileiros, sua mitologia, seus fenômenos de transe, foi decisivo para passar do estudo de misticismos individuais aos misticismos coletivos (Candomblé de Bahia), aos misticismos oníricos (*Le rêve, la transe et la folie*), aos misticismos aberrantes (*Sociologia das doenças mentais*). Na sua última contribuição de Genebra, *Le Sacré Sauvage*, Roger Bastide constata que numa sociedade moderna que não deixa de criar a sua própria mitologia, “a experiência do sagrado constitue uma dimensão necessária do homem” (45). A morte não permitiu ao sociólogo prosseguir suas investigações sobre as manifestações do misticismo moderno; deixou um campo aberto, em que os novos estudiosos poderão aproveitar os caminhos novos por ele traçados.

*

Este rápido esboço que não pretende ser exaustivo, da obra de Roger Bastide estudada durante a “Semana”, mostra quanto foi valiosa esta iniciativa. Além de ser uma experiência instrutiva sobre a fecundidade de um encontro inter-cultural franco-brasileiro, a “Semana Roger Bastide” foi um primeiro passo para aprofundar a obra excepcional de um sociólogo que Jacques le Goff, Presidente da *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales* homenageou nestes termos:

“Uma audiência cada vez mais ampla descobrirá amanhã que o pensamento e a obra de Roger Bastide estão entre as mais importantes e inspiradoras da reflexão nas Ciências Humanas. Sua estatura não cessará de se elevar” (46).

(45). — BASTIDE (Roger), *Le Sacré Sauvage*, op. cit., p. 227.

(46). — LE GOFF (Jacques), citado por Desroche (H.), “Roger Bastide, Última Scripta”. *Archives des Sciences Sociales des Religions*, Nº 38, 1974.